



A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon, Vanessa Maurenente e Carolina dos Reis

A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon,
Vanessa Maurenre e Carolina dos Reis



ABRAPSO EDITORA

Florianópolis - 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A pesquisa como criação de mundos [livro eletrônico] : 20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção da psicologia social / organização Fernanda Amador...[et al.]. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023. PDF

Vários autores.
Outros organizadoras: Simone Paulon, Vanessa Maurenre, Carolina dos Reis.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88473-23-8

1. Ensino superior (Pós-graduação) 2. Pesquisa científica 3. Psicologia social I. Amador, Fernanda. II. Paulon, Simone. III. Maurenre, Vanessa. IV. Reis, Carolina dos.

23-168143

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia social 302

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Projeto gráfico e design de capa: Arnaldo Bublitz
Arte da capa: Vento não se captura, é sentido.
por Zeca Amaral (ezequiel_candidoamaral@hotmail.com)

VERTIGENS DO EXERCÍCIO (PO)ÉTICO DE PESQUISAR

*Lílian Rodrigues da Cruz | Leonardo de Oliveira | Letícia Maísa Eichherr
Marília Meneghetti Bruhn | Amanda Cappellari | Adrieli Pacheco Sperandir
Lutine de Lara*

“Por onde começar? Como encontrar o lugar, em meio à vertigem de possibilidades, que servirá para um começo?” questiona Noemi Jaffe (2018, p, 55) e nos faz suspirar frente às vertigens de um tempo estranho no qual vivemos. Suspiros para tentar encontrar fios e tramas para uma lucidez mínima que insiste em ser necessária para uma escrita dita acadêmica. Decidimos, então, começar pela poesia, num exercício (po)ético da vida cotidiana em que o improrrogável insiste em se fazer presente e urgente nos nossos passos e atos de pesquisadoras caminhantes.

O Improrrogável.
Nem vou olhar no dicionário,
não há tempo para a aspereza
e assepsia das definições.
Tem algo que lateja no vento,
sussurrado pelos viadutos
gritado por pichações,
tantos nomes,
e não me diga que são números.
Escuta!
Tem algo de elétrico nas tardes,
algo que não tem me deixado dormir.
Afogados por outra notícia,
vamos nos afundando nos sofás,
cremos que não tem algo latejando no ar,
que não há gritos e nem sussurros,
eletricidade,
que não há movimento,
que já não somos nômade,
que as bocas já não sorriem os dentes
e que não há esperança.
Que não há o inadiável,

o inalienável.
Que não há urgência...
Mas ela está aí.
Sim!
Batendo às portas,
tocando interfonos,
pintando as praças
e orlas, e ruas
e rostos.
Trago então a estes rostos,
à olhos vistos,
e às páginas outrora mudas,
um manifesto (ao) improrrogável:
pois é improrrogável olhar os espelhos,
desfazer os vampiros que vestimos,
são improrrogáveis os coletivos e as
revoadas de ideias, mariposas de ocaso.
É improrrogável criar linhas, possíveis,
lumes, faróis na neblina noturna.
É improrrogável observar os pássaros e
os girassóis, e seus improvisos.
É improrrogável a poesia, a poética,

A poética não é só brecha, é resistência possível e a resistência é improrrogável. Como num quarto escuro, onde o sol penetra as frestas da veneziana e amanhece de assalto no domingo. As frestas aparecem e, quando não, nós, com delicadeza, sensibilidade, contundência e afinco, as produzimos. Semeamos e regamos, assim como com sementes de girassóis.

Com isso, afirmamos que não há facilidades no trajeto de lutar-esperançar-pesquisar, mas é cultivo, caminho necessário se pleiteamos mudanças. Um caminho sem volta. Para isso, é preciso andar em bando. Pesquisar em bando.

Andar em bando é um desafio. Seja caminhando lado a lado ou voando como pássaros em V. É preciso respeitar passos e batidas de asas, descobrir ritmos possíveis, por vezes parar, descansar, recalculando rotas, seguir. Mas, como é pesquisar em bando? Descobrimos a cada passo, entre caminhos do GEPS, rotas das pesquisas e pormenores dos encontros, que há improrrogáveis questões no contemporâneo, como canta Belchior²: “no presente, a mente, o corpo é diferente e o passado é uma roupa que não nos serve mais”. Como uma dialética dos tempos, nos interessa as reflexões e problematizações sobre as epistemologias e as metodologias que seguem hegemônicas neste sistema-mundo moderno-colonial (Grosfoguel, 2016) em um movimento contra-hegemônico que traga outras narrativas e modos de produzir conhecimento até então silenciados pela branquitude, pelo racismo, pelo sexismo, pelo capacitismo, dentre outras opressões.

O Grupo de Estudos em Psicologia Social, Políticas Públicas e Produção de Subjetividades (GEPS) é composto por pesquisadoras³ vinculadas ao doutorado, pós-doutorado, mestrado e graduação, que se dedicam a pesquisar e produzir conhecimentos que transversalizam as políticas públicas. O nome GEPS foi aventado no final de 2018 e registrado em 2019. Contudo, o bando existe muito antes de qualquer sigla, de qualquer nome... As nomeações não são urgentes, mas a necessidade de encontros sempre nos foram improrrogáveis.

POLÍTICAS DA ESCRITA

Eis que fomos atingidas por rajadas poéticas que [por serem poesia] contrariaram as leis da natureza: não tiveram curta duração de força e intensidade. A ventania se faz ininterrupta e perturba o pensamento que se tenta linear. Perturba, sim: é barulhenta, não nos deixa pensar sossegadas. Nossos corpos, que não passa(ra)m ilesos às nossas pesquisas, desaprenderam a produzir conhecimento sem literatura. “Imaginava que um não-leitor ia ao médico e o médico o observava e dizia: você tem o colesterol a matá-lo, se continuar assim não se salva. E o médico perguntava:

2 Música *Velha Roupa Colorida*, composta por Belchior.

3 Escrevemos no feminino porque o GEPS é composto, majoritariamente, por mulheres.

tem abusado dos fritos, dos ovos, você tem lido o suficiente”? (Mãe, 2016, p. 78). Tal como Alfredo, passamos a oferecer literatura em nossas orientações coletivas a fim de produzir saúde quando um pedaço de pensamento começa a adoecer.

Experimentamos topografias que escancararam nossa *condição* de agrimensoras parciais. Não existe cartografia concluída, sabemos. Em um gesto coletivo não-homogêneo, fomos impelidas a inventar outros modos de narrar nossos encontros com o campo. Não em um movimento inaugural em relação ao mundo, mas como diferenciação em relação a si mesmas. Em coro afirmamos que as pesquisas não dão conta da totalidade da vida. É improrrogável entender que nosso saber é não-todo. Em um fazer ético, na tentativa de não forçar molduras que aprisionam a vida, povoamos nossas escrituras com narrativas, escritas Com, biografemas, fragmentos ficcionais, poemas, escutação...

São escrituras de um sul global, desafiadas e desafiando a descentralizar a bússola da produção de conhecimento que ainda aponta ao norte. Contudo, como nos disse Joaquin Torres García (1984) - “*nuestro norte es el Sur*” -, somos tomadas por acontecimentos mundiais e locais que nos fazem olhar para [nossos] corpos latinoamericanos, que inspiram luta e potência e que querem lançar-se em palavras-vagalumes iluminando o que pode parecer a escuridão dos retrocessos e das violências políticas de uma onda de extrema direita e neoliberalismo. Glória Anzaldúa (2000, p. 232) diz que escreve “porque a escrita salva da complacência que amedronta”. Assim, escrevemos em um contexto de pandemia mundial do coronavírus em um país (des)governado por um presid... um presidente?! Quais palavras usar? “Fascista”? “Genocida”? “Racista”? Faltam adjetivos para descrever...

Sobretudo, há que se dizer que o Chile será a tumba do neoliberalismo, apontam as faixas dos manifestantes vitoriosos na luta por uma nova constituição no país. Na Bolívia, após um golpe com toques do serviço secreto estadunidense, as eleições trazem democraticamente a esquerda popular de volta ao poder. Na Argentina, a onda verde de mulheres vibra pela legalização do aborto, no Paraguai revoltas insurgentes contestaram e pressionaram o governo, causando a renúncia do ministro da saúde. Nos EUA, Trump perde as eleições. No Brasil, entretanto, ainda há muito o que fazer, e muito o que desfazer. Protestos “Fora Bolsonaro” urgem por todo o país: “faltam quantas mortes para o *impeachment*?” e velhas peças retornam fortalecidas ao tabuleiro. É improrrogável estarmos preparadas para a luta, que se faz necessária não apenas no embate político partidário, mas num exercício também de ética e de vida cotidiana.

Exercício de éticas - (po)éticas - de vida, de pesquisa, de leitura e de escrita que nos fazem não querer mais banhar somente em palavras escritas por velhos conhecidos. Não que, com isso, abandonemos de vez nossos encontros alegres com Foucault, Deleuze, Guattari, Barthes, Freud, Lacan e outros mais.

Entretanto, é agora que aquelas e aqueles que encontramos nas estradas e rios da América Latina e de África dizem tanto de nós que já não conseguimos mais viver ou produzir sem elas e eles. São histórias de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Djamilá Ribeiro, Chimamanda Adichie, Maya Angelou, Achille Mbembe, Franz Fanon, Maria Aparecida Bento, que compõem modos de subjetivação que transbordam em nossas tentativas de descolonizar olhares, falas, escutas, pensamentos e, também, pesquisas.

Neste sentido, Rosane Preciosa (2010, p. 17) nos auxilia nas reflexões, ao pontuar sobre os processos de pensar o impensável, de se mover por forças forasteiras e que “isso exige de nós piruetas mortais e quase nunca podemos contar com uma cama elástica que ampare as quedas. Despenca-se, fraturam-se ossos. Não é nada fácil desmontar um campo pronto de referências afixado na alma”. São quedas necessárias à branquitude, pois é preciso desmontar hegemonias para poder remontar outros modos menos violentos de produzir conhecimentos.

UMA FOLHA EM BRANCO

Pausa. Silêncio. Entre um respiro e um gole de água, criando coragem para continuar a escrita, contemplamos a folha branca. Algo dado de antemão em quase qualquer escrita acadêmica; folha branca - tela branca - a partir de onde todas as escrituras surgem. Escrituras branqueadas, alvejadas, assépticas, neutras... Questionamos a fonte da letra, o tamanho, o espaçamento; normas da ABNT, da APA. No entanto, a cor da folha permanece ubiquamente inquestionável: branca. Reparemos na ironia. Uma página em branco, vazia, o ecoante espaço da página não inscrita, corpo de texto, cor de esquecimento. Deu um branco na gente. Como histórias que foram apagadas, esvaziadas, pintadas de uma palidez albugínea, néveas tais qual este papel/tela que observamos. Lembramos da personagem/autora Maria Nova observando as marcas da desocupação de sua comunidade, na escrivência de Conceição Evaristo.

Maria-Nova andava pelos terrenos recentemente ocupados com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos. No local onde estavam os barracos dos que tinham ido pela manhã, agora só restava um grande vazio. Era como um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços. Sentiu dores. Pensou em Vó Rita (Evaristo, 2017, p. 87).

Pensando nesses esvaziamentos, nessas nadificações, desaconteceres, é improrrogável falar da nossa branquitude. Falar de branquitude também é questionar a folha branca na qual pessoas brancas, como nós, produzem as suas escritas. Até há pouco

tempo, não questionávamos este apagamento, embranquecimento, a branquitude e a hegemonia da cor branca em ambientes acadêmicos e a nossa responsabilidade neste processo; olhávamos apenas para o racismo sem enxergar a branquitude, sem nos enxergarmos, sem nos implicarmos. Contudo, o racismo só existe se houver branquitude. Não há opressão sem opressor. É improrrogável irmos além de contemplar o abismo da folha em branco e enfrentar o abismo da brancura da nossa pele.

“É improrrogável olhar os espelhos/ Desfazer os vampiros que vestimos”, é o convite que faz o poema de Leonardo de Oliveira. Lembramos de Lourenço Cardoso (2018, s/p) que afirma:

O branco Drácula não se enxerga no espelho. Se você não se enxerga, não tem como se criticar. O branco Narciso, por outro lado, somente se enxerga, só tem olhos para si e não para os outros. Os outros não são interessantes. Ele só tem olhos para si porque ele é belo, é inteligente.

Concordamos que queremos estar em relação com o mundo de outro modo muito além de brancos dráculas e/ou narcisos. Aprendemos [e seguimos aprendendo] que nosso lugar de fala é desde a branquitude e que nossos saberes são localizados, inspiradas nas discussões de Donna Haraway (2009, p. 21), que apontam que a objetividade no pesquisar passa por “nomear onde estamos e onde não estamos” e em nos posicionar diante de nossa corporificação específica e particular. Nesta perspectiva imanente produz-se uma crítica frontal aos saberes transcendentais, universais e neutros. A perspectiva parcial torna visível quem pesquisa e, ao mesmo tempo, responsabiliza a pesquisadora por aquilo que vê e nomeia (Haraway, 2009).

COMO AS INTERSECÇÕES COSTURAM AS EXISTÊNCIAS?

Em nossas pesquisas, propomos a olhar para a violência colonial, olhar para a brutalidade que forjou os espaços de poder na colônia e, conseqüentemente, as opressões. Vivemos encontros de vida e teoria com algumas mulheres de força improrrogáveis.

Nos encontramos com Suely Carneiro (2003), que nos diz que no Brasil e na América Latina a violação colonial perpetrada pelos brancos contra as mulheres negras e indígenas é o “cimento” de todas as hierarquias de gênero e raça. Este apontamento ecoa na voz e na arte de Elza Soares, que em suas canções fala da mulher do fim do mundo e da necessidade de usar a voz para dizer aquilo que cala. O que cala a mulher do fim do mundo? Elza canta que “o meu país é meu lugar de fala”⁴, pois na tessitura das costuras de um Brasil, a linha que perpassa toda a estrutura é a linha que se intersecciona nas experiências de mulheres negras.

4 Trecho da música “*O que se cala*”, de Elza Soares, lançada no ano de 2018.

Assim, um pensamento interseccional se torna improrrogável na tentativa de incomodar o sono injusto, que nós, pessoas brancas, desfrutamos há muito tempo⁵. A interseccionalidade surge nas vozes do movimento estadunidense *black feminism* dos anos 1970 e é grito que ecoa, principalmente, nas vozes de pensadoras negras que buscam abordar a experiência de vida sob a perspectiva dos múltiplos sistemas de dominação. A interseccionalidade propõe pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado (Akotirene, 2019).

Carla Akotirene (2019, p. 15) aponta que é necessário descolonizar e adotar o Atlântico enquanto *locus* de opressões cruzadas, pois as águas do Atlântico “cicatrizam feridas coloniais causadas pela Europa, manifestas nas etnias traficadas como mercadorias, nas culturas afogadas, nos binarismos identitários, contrapostos humanos e não humanos”. É nessas águas que encontramos com Conceição Evaristo falando da experiência limite da mulher negra no Brasil. É na escrevivência que ela diz aquilo que cala. “A (escre)vivência das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (Evaristo, 2005, p. 6). A escrevivência se torna um processo de resistência política e literária, um caminho na escrita para contar as intersecções que atravessam a experiência dessas escritoras.

É pensando numa escrita política com reverberações interseccionais que também encontramos com Gloria Anzaldúa (2000, p. 235), que alerta: “Muitos têm habilidade com as palavras. Denominam-se visionários, mas não veem. Muitos têm o dom da língua, mas nada para dizer. Não os escutem”. São palavras que imediatamente nos remetem à escrita de Carolina Maria de Jesus (1960), que tinha muito a dizer, mas foi pouco escutada. No livro “*Quarto de despejo*”, ela cria uma poética denunciante acerca da condição de invisibilidade social da favela e inscreve a sua experiência enquanto mulher sobre a perspectiva da cor, localizando sua experiência de mulher pobre na sua pele preta: “quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (Jesus, 1960, p. 160).

A interseccionalidade é perspectiva, método, olhar, conceito, que nos encaminha para compreender as múltiplas experiências de vida, mas também nos direciona para reconhecermos os nossos lugares de fala e os nossos espaços de privilégio. É caminho para desacomodar estruturas que há muito tempo forjam as experiências de vida e mantêm as desigualdades sociais.

5 Frase inspirada em um trecho do capítulo “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”, de Conceição Evaristo, que escreve: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. (Evaristo, 2007, p. 21).

[DESOBEDECER] METODOLOGIAS [NOS INTERESSA]

Padrões metodológicos se complicam quando o bando do GEPS se encontra. Nomear nossos modos de pesquisar igual ao de outros é como se fosse uma rajada de vento que dificulta nosso voar em linha reta. Não que isto nos interesse. Assim como dificulta, nos impulsiona a outras direções. Somos um passarinhedo que tem dificuldade de se encaixar e seguir caminhos lineares.

Cartografia, etnografia, pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada ou aberta, pesquisa qualitativa, grupo focal. Nos parece que estes nomes limitavam as possibilidades dos nossos modos de pesquisar. Não obedecemos a alguns critérios do rigor científico. Sensação similar à de Manoel de Barros (2015, p. 85). “Passou um homem e disse: Essa volta que o rio faz... se chama enseada... Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem”. Assim, inventamos outros nomes, outros modos, para enriquecer e dar sentido aos encontros vividos com aqueles e aquelas que foram nossos parceiros de pesquisa - e não objetos.

PesquisarCom, poéticas públicas, cartografia, biografemas, escutação. Encontramos jovens, crianças, pessoas em situação de rua, profissionais da assistência social, o acolhimento institucional, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, o Trabalho Educativo, o Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte e, com esses outros bandos nos somamos, para “resistir, existir, reexistir” (Leonardo Oliveira, 2020). Nestes encontros alegres, a pesquisa se esforça em perdurar como escrevivência e procura frear seu ímpeto totalizante.

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará ao meu alcance. Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o dele hoje. Quanto a mim, olho, e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual: o que conheço dele é apenas sua situação... (Lispector, 2016, p. 417)

No conto “*Menino a bico de pena*” Clarice Lispector (2016) nos ensina que a vida do menino é sempre mais veloz que as ideias e não pode ser apreendida pelo olhar atento de quem o observa. No improrrogável, a vida e sua exuberância. No pesquisar, notícias da vida em movimento, processos em deterioração de uma vida que sempre insiste em desobedecer, por isso, respira e pode escapar, existir.

ENTÃO, POR ONDE DESCOMEÇAR, RECOMEÇAR?

Quem sabe, andarilhar... isso, com reticências de quem hesita, suspende, abre espaço para interpretar. O andarilho pára!!! Ah! Com exclamação!!! Te(n)

são. Escandir, expandir, dilatar fronteiras e os domínios do conhecimento. Quais passos, andanças/ caminhos se fazem urgentes, insurgentes neste sobrevoo? A inconclusão, a abertura, a dúvida e a ressonância são ferramentas de que não podemos abrir mão. Temos pistas, um corpo/corda cheio de nós, mas que não se ata, não se encerra. Passamos a habitar estes (des)territórios nos aliando a poesia e ela pode ser prazer, beleza, mas pode ser cortante, desconfortável. Nos aliamos a cosmologias outras, abrimos horizontes improrrogáveis, encharcamos os olhos com inconformismo e luta, olhamos o espelho.

Quando nos aliamos aos bandos de pássaros, o que isso (nos) produz, enquanto agrimensoras parciais? Afinal, quem é que agora nos lê, quem sonha com nosso sonho, nossos lampejos e compõe com nossas vozes, tece com esses planos, agora compartilhados? Novas alianças, passos, pássaros ao bando. Propomos, assim, cantar/catar histórias, da escrita/corpo/inscrito, da miséria/riqueza do dia a dia, dessas folhas brancas e de cada costura desse tecido e dessa vida que se trama, embalados por revoadas, desenhando paisagens, atmosferas nômade, encontros de massas de ar. Não sabemos ainda, apesar disso, prever o clima de amanhã, mesmo assim, nos preparamos para os possíveis.

REFERÊNCIAS

- Akotirene, Carla** (2019). *Interseccionalidade*. Pólen.
- Anzaldúa, Gloria** (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, 8(1), 229-236.
- Barros, Manoel de** (2015). *Meu quintal é maior do que o mundo*. Objetiva.
- Cardoso, Lourenço** (2018). Gente Branca. O que os brancos de um país racista podem fazer pela igualdade além de não serem racistas? [Entrevista concedida à Mirella Nascimento, Tab UOL. <https://tab.uol.com.br/edicao/branquitude/>
- Carneiro, Sueli** (2003). Enegrecer o feminismo. In *Racismos Contemporâneos* (pp. 118-126). Ashoka Empreendedores Sociais; Takano Cidadania.
- Cortázar, Julio** (2019). *O jogo da amarelinha*. Companhia das Letras.
- Evaristo, Conceição** (2017). *Becos da Memória*. Pallas.
- Evaristo, Conceição** (2005). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In Marcos A. Alexandre (Org.), *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces* (pp. 16-21). Mazza Edições.
- Grosfoguel, Ramón** (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Soc.&Estado*, 31(1), 25-49.
- Haraway, Donna** (2009). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.
- Jaffe, Noemi** (2018). *Livro dos Começos*. SESI/SP.
- Jesus, Carolina Maria de** (1960). *Quarto de despejo*. Francisco Alves.
- Lispector, Clarice** (2016). Menino a bico de pena. In *Todos os contos* (Benjamin Moser, Org.). Rocco.
- Mãe, Valter Hugo** (2016). *O filho de mil homens*. Biblioteca Azul.
- Preciosa, Rosane** (2010). *Rumores Discretos da Subjetividade: Sujeito e escritura em processo*. Sulina.
- Torres García, Joaquín** (1984). *Universalismo Constructivo*. Contribución a la unificación del arte y de la cultura de América. Alianza Editorial.